

No *Home Office* a doença é o desespero com as webcoisas

Isabella Maio

(Assistente social, mestranda em saúde pública ENSP/Fiocruz)

Neste período de isolamento social que estamos vivendo tenho pensado muito sobre a infinidade de coisas que estamos aprendendo e sendo obrigados a nos adaptar em curtíssimo espaço de tempo.

Antes mesmo do aparecimento da Covid-19, o *home office* já era considerado uma [tendência “natural” do mercado](#). Segundo uma [pesquisa da Fundação Getúlio Vargas](#), o trabalho remoto tende a crescer 30% após o período de estabilização dos casos e retomada das atividades. As mudanças na organização de trabalho são reflexos da flexibilização das leis trabalhistas.

A imagem veiculada fortemente é que o *home office*, além de tendência, tem mais vantagens do que desvantagens. Os defensores deste modelo de trabalho elencam diversos aspectos positivos como, por exemplo, a economia de tempo com deslocamento de casa até o trabalho. A tentadora proposta de um trabalho exercido diretamente do conforto do lar ignora algumas questões como uma crescente exigência de produtividade dos trabalhadores, a falta de estrutura e equipamentos dos trabalhadores para realizarem o trabalho remotamente e a ausência de treinamento prévio para realização das atividades de trabalho em casa.

Evidentemente, o objetivo aqui não é de condenar as tecnologias incorporadas ao trabalho, que indiscutivelmente trouxeram uma série de avanços para a sociedade de modo geral e para o mundo do trabalho, em particular. A questão é que a tecnologia é apropriada pelo capital para explorar a classe trabalhadora, tornando-se na atualidade o que Ricardo Antunes classifica como “capitalismo das plataformas”, que visa principalmente garantir os lucros ao capitalista e não melhorar as condições de trabalho dos trabalhadores, encaminhando aqueles que não conseguem empregos dignos para a precarização. Portanto, se faz necessário realizar uma análise crítica e dialética, com relação a essa “modernização” do trabalho.

O isolamento que ocorre em função da pandemia, pode adoecer os trabalhadores, gerando a ruptura dos afetos e o sentimento de pertencer a um grupo, e os desorganiza, tirando a classe trabalhadora dos debates pelos seus

direitos. Dessa maneira, se faz necessário nos adaptarmos ao mundo das “webcoisas” também como uma forma de resistência...caso contrário seremos “engolidos” por ele.